

SAMORA MACHEL



AS
FORÇAS ARMADAS
DE MOÇAMBIQUE
DEVEM PARTICIPAR NA
BATALHA ECONÓMICA

(21)

coleção

"PALAVRAS de ORDEM"

EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

SAMORA MACHEL



**AS
FORÇAS ARMADAS
DE MOÇAMBIQUE
DEVEM PARTICIPAR NA
BATALHA ECONÓMICA**

21

colecção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

INTRODUÇÃO

O documento que agora é editado em brochura constitui a síntese de diversas intervenções feitas pelo Camarada Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal SAMORA MOISÉS MACHEL, em encontros efectuados com oficiais e quadros das Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.), durante o mês de Abril de 1981.

Os referidos encontros tiveram lugar em plena segunda campanha da Ofensiva Política e Organizacional. Neles, o Camarada Comandante-em-Chefe analisou profundamente o carácter de classe do nosso exército e as formas concretas como esse carácter se deve afirmar e consolidar.

O ponto central, focado pelo Camarada Presidente, foi a necessidade de as Forças Armadas assumirem hoje, tal como no passado, o aspecto principal do combate do nosso Povo. Esse aspecto, na fase actual, é a batalha económica. As Forças Armadas devem, portanto, desempenhar um papel activo e dinâmico no processo de edificação da economia socialista no nosso país.

A participação das Forças Armadas na batalha económica deve assumir duas formas principais. A primeira dessas formas é a criação de condições para que, em todos os locais e em todas as circunstâncias, os nossos trabalhadores possam desenvolver tranquilamente, e em segurança, as suas tarefas. Trata-se, por outras palavras, de garantir efectivamente a defesa das nossas fronteiras, a segurança das nossas vias de comunicação, das fábricas, das machambas, dos equipamentos; garantir, em resumo, a vida e os bens do Povo.

A segunda forma que deve revestir a participação das Forças Armadas na batalha económica é o seu engajamento directo na produção. Também neste aspecto, as F.P.L.M. possuem uma rica tradição que é preciso agora prosseguir e desenvolver. Apoiando os trabalhadores nas suas tarefas, o exército reforça o seu carácter popular; o soldado e o oficial assumem totalmente a sua condição de trabalhadores fardados.

Participando na batalha económica, os soldados e oficiais temperam-se no espírito de trabalho árduo, de sacrifício, forjam-se como combatentes intransigentes do socialismo na nossa Pátria.

O documento agora editado é, pois, um texto de estudo muito importante para todo o Povo moçambicano e, em particular, para os oficiais e soldados das Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.).

Cabe a cada um de nós transformá-lo em instrumento efectivo para o combate que, em cada dia, travamos pela edificação do socialismo na República Popular de Moçambique.

O nosso Soldado, o nosso Oficial têm uma origem social bem determinada:

- o Soldado, o Oficial são filhos do operário;
- o Soldado, o Oficial são filhos do camponês.

Ao vermos fardados os filhos dos nossos operários e camponeses, ao vermos o camponês e o operário fardados, soldados e oficiais das Forças Armadas, não podemos esquecer o seu passado, passado que vem

- do sofrimento,
- do sacrifício,
- da humilhação,
- da exploração,
- da opressão.

Quando sofriamos o colonialismo, quando com o nosso suor e o nosso sangue éramos obrigados a alimentar o colono,

- no corpo dos nossos pais estalava o chicote,
- as mãos dos nossos pais inchavam e reventavam com a palmatória,
- os pés dos nossos pais eram amarrados com correntes,
- as costas dos nossos pais suportavam o peso da machila,
- a honra e a dignidade das nossas mães eram diariamente humilhadas e espezinhadas.

Tudo isto foi vivido na infância pelos nossos soldados, pelos nossos oficiais.

Quando entram para as Forças Armadas de Moçambique os nossos soldados, os nossos oficiais não podem esquecer o que significa:

- * a ponte cimentada pelo suor dos seus pais,
- * a barragem moldada pelas mãos dos seus pais,
- * a estrada alcatroada com a vida dos seus pais,
- * a linha férrea construída pelos seus pais, sob o sol escaldante, sob a chuva torrencial, sob o frio cortante da manhã e da noite,
- * o posto erguido com o sacrifício dos seus pais.

Quem não viu o seu pai ser vendido para as plantações dos colonos, do Guruê, de Mafambisse, do Búzi, de Xinavane.

- * para trabalhar no algodão que não nos vestia,
- * para colher o chá que estimulava a energia do colono para mais nos roubar,
- * para cortar a cana que ia produzir o açúcar para o bolo do filho do colono e que nós não podíamos comer,
- * para cortar o sisal com que o colono fazia a corda para melhor amarrar as nossas mãos?

Quem não viu o seu pai, o seu tio, o seu cunhado, o seu irmão, ser vendido para as minas de ouro, carvão, ferro, diamantes, para as fábricas de indústria química e siderúrgica da África do Sul e da Rodésia?



- Os nossos familiares partiam na esperança de ganharem alguns meios para poderem casar, para poderem organizar o lar que não tinham,
- mas nas minas ganhavam um salário de miséria, minas onde tinham que enfrentar a morte.

Não há ninguém

- que não tenha perdido ou o pai, ou o irmão, ou o tio na África do Sul ou Rodésia,
- que não tenha visto o pai regressar sem um braço.
- que não tenha visto o irmão regressar sem um olho,

- que não tenha visto o primo regressar sem uma perna,
- que não tenha visto o seu tio regressar com os pulmões corroidos pela tuberculose.

Não há ninguém

- que não tenha conhecido um pai, um tio, um irmão, um familiar morto na mina,
- que não tenha na família, nos seus entes mais próximos, a morte de um familiar com túmulo anónimo longe da Pátria,
- que não conheça a mulher que, esperando o regresso do marido das minas do John e da Rodésia, recebe repentinamente a notícia da morte do marido,
- que não conheça a noiva que vê a sua esperança de constituir um lar desfeita pela notícia da morte do noivo,
- que não saiba dos filhos que cresceram sem conhecer o pai morto na mina.

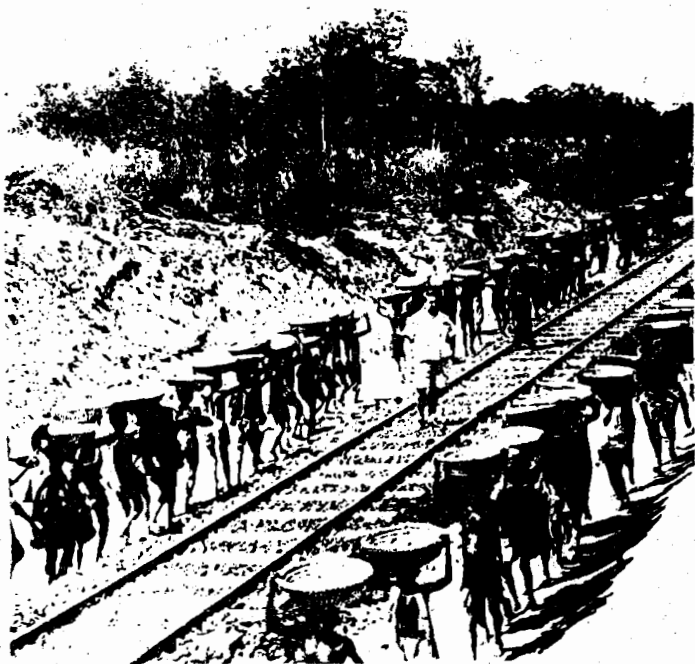
Quem não se lembra de ver regressar um familiar das minas da África do Sul ou da Rodésia trazendo consigo apenas quinquilharias?

- E o pai que ao chegar a casa nem sequer tinha tempo de abrir a mala porque o sipaio o vinha prender, algemar, acorrentar, para ir para o chibalo?
 - chibalo para 6 meses de trabalho na plantação do colono;
 - chibalo onde, vestido de saco, trabalha nas machambas de arroz;
 - chibalo em que não pode ter o mínimo de atraso, o mínimo desfalecimento;
 - chibalo onde mesmo doente é obrigado a trabalhar:

— chibalo onde a farinha podre e os amendoins cozidos em água eram o único alimento que lhes dava a pouca força para produzirem o algodão, o arroz, o açúcar, o sisal, o chá para o colono.

Quem não se lembra ainda de ver a sua mãe, durante a ausência do pai nas minas da África do Sul ou no chibalo, ser acorrentada para ir limpar as estradas?

- limpar as estradas para pagar o «imposto braçal» com que o colono construa as suas casas, os seus hospitais, os seus clubes, as suas piscinas;



- limpar as estradas por onde passavam os camiões dos colonos com as riquezas que nós produzíamos com as nossas mãos;
- limpar a estrada enquanto os filhos, obrigados a ficar sós, passavam fome.

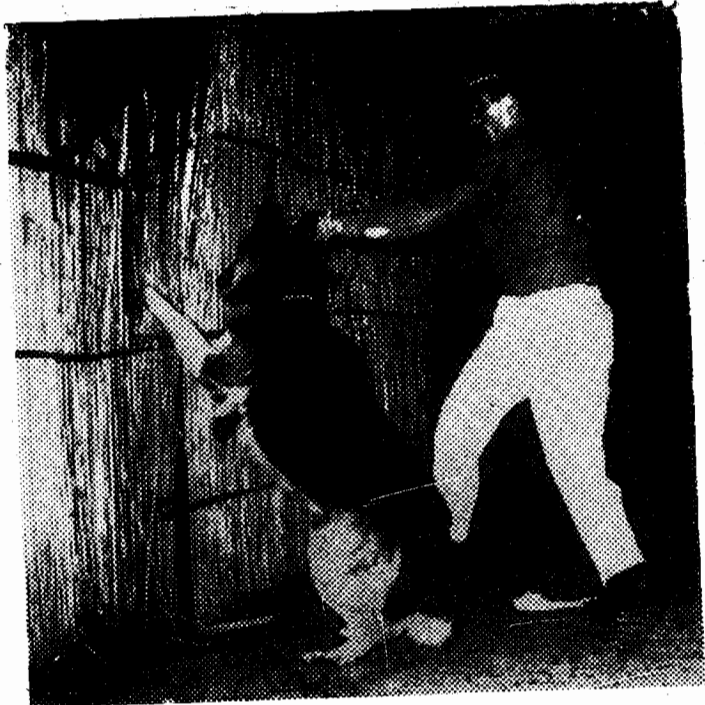
Quem não se lembra

- de ver o seu pai ser vendido para as minas de Wankie, para as plantações de chá, de tabaco na Rodésia?
- de ver o seu tio ser vendido para o trabalho das minas de cobre na Rodésia do Norte?
- de ver o seu irmão mais velho ser vendido para ir trabalhar nas plantações de milho e de chá da Niassalândia?
- de ver o seu cunhado ir trabalhar para as plantações de sisal no Tanganhica?

Quem não viu o seu familiar ser obrigado a trabalhar como estivador vestido de camisa de ganga, de calção de ganga amarrado com fio de sisal, com um pedaço de manta, rota, rasgada, com que não conseguia proteger-se nas noites de frio?

- para carregar o navio que levava as riquezas que nos eram roubadas,
- para carregar e descarregar o vagão com a carga que tinha custado o suor, o sacrifício e mesmo a vida do nosso mineiro.

Quem não se recorda que o seu pai, o seu tio, o seu irmão, o seu cunhado, o seu primo foram chicoteados com o cavalo-marinho, batidos com a palmatória e o cassetete, algemados com pesadas correntes enferrujadas, sem nunca terem cometido nenhum crime?



Quem não viu a sua família, humilhada, espezinhada, chicoteada

- * pelo sipaio,
- * pelo régulo,
- * pelo PIDE,
- * pelo O.P.V.,
- * pelo comando,
- * pelo G.E.,
- * pelo G.E.P.,
- * pelo chefe de posto,
- * pelo administrador?

Quem não se recorda ainda do desprezo e humilhação que sentíamos quando recebíamos a miserável indemnização pela vida perdida pelo nosso pai na mina da África do Sul?

- indemnização que o colono, o explorador achava demasiada para pagar a vida do nosso pai, vida que para nós não tinha preço;
- indemnização que, na maior parte dos casos, desaparecia no bolso do colono, na gaveta do administrador.

Quem não se lembra de tudo isto?

Quem não se lembra de que tudo isto era para nos recusarem a vida?

- na época colonial não vivíamos,
- não éramos considerados seres humanos.

Tudo isto o nosso soldado, o nosso oficial não pode esquecer.

Foi contra tudo isto que o nosso povo, que as nossas Forças Armadas (F.P.L.M.) lutaram durante dez anos,

- para que as machambas, as fábricas, os portos, produzissem riqueza para o povo e não para o colono,
- para que as escolas, os hospitais, os prédios construídos pelos nossos pais servissem o nosso povo e não uma minoria de colonos,
- para que a estrada e a ponte que causaram a morte do nosso pai deixassem de transportar a opressão e a humilhação e transportassem a liberdade e a paz.

Hoje, as nossas machambas, as nossas barragens, as nossas fábricas, as nossas pontes e estradas,

- estão libertadas,
- estão ao serviço do povo.

Hoje,

- as escolas,
- os hospitais,
- as creches,
- os prédios,

servem o povo.

Hoje,

- nas estradas,
- nas pontes,
- nas linhas férreas,

passam os camiões, os comboios, que transportam a liberdade, que levam o progresso e o bem-estar para o nosso povo.

Hoje,

- a castanha de caju,
- a madeira,
- o carvão,
- o algodão,
- o chá,
- a copra,
- o camarão,

são riquezas que pertencem ao nosso Povo.

É o nosso Povo — operários e camponeses — com o seu trabalho, nas Aldeias Comuns, nas cooperativas, nas fábricas, nas machambas, nos complexos agro-industriais, nos portos e caminhos de ferro,

- que dá a farda com que se vestem os nossos soldados, os nossos oficiais,
- que dá a bota para que o nosso soldado, o nosso oficial, possam marchar para todas as frentes de combate,
- que dá o capacete que protege o nosso soldado, o nosso oficial.

Porque

- * são os camponeses que cultivam o algodão donde sai o tecido que produz a farda,
- * são os camponeses que apascentam o gado para produzir a pele para as nossas botas,
- * são os mineiros que extraem da mina o ferro que constrói o capacete,
- * são os operários que produzem a ração que nos alimenta para o nosso combate,
- * são os estivadores que nos seus ombros transportam a mercadoria de exportação com que vamos comprar as nossas armas, os nossos tanques, os nossos aviões de combate,
- * são os operários das fábricas de cimento que nos dão o material com que construímos o nosso quartel, os nossos abrigos, as nossas fortificações.

O nosso soldado, o nosso oficial são parte integrante de tudo isto:

- * sem o ferro extraído pelo mineiro,
- * sem o algodão colhido pelo camponês,
- * sem o trabalho do carregador do porto que exporta a nossa mercadoria,
- * sem o pastor de gado que nos dá a pele,

o nosso soldado, o nosso oficial, não seria soldado, não seria oficial, porque não teriam

- * a farda,
- * o capacete,
- * a bota,
- * a arma,
- * o camião,
- * a ração de combate,
- * o quartel.

O nosso soldado, o nosso oficial crescem, são educados à custa do trabalho, do sacrifício do pai, da mãe e muitas vezes de familiares;

- * esse trabalho, esse sacrifício foi feito com o martelo pregando o prego na cadeira,
- * esse trabalho, esse sacrifício foi feito com a enxada semeando o milho, a mapira, o feijão, a batata,
- * esse trabalho, esse sacrifício foi feito com o machado destroncando a árvore que vai ser transformada em mobília.

Crescem alimentados pelo trabalho árduo

- * do pai que logo de manhã cedo se tem que levantar para conduzir a locomotiva que vai levar os passageiros para os seus locais de trabalho,



- do pai que passa horas na mina quantas vezes exposto a perigos, para dela fazer sair o carvão que nos vai dar energia,
- do pai que na fábrica de cimento não pode parar um minuto para que das suas mãos saia o produto que vai construir a casa onde nos abrigamos do sol, da chuva e do frio.

O soldado, o oficial das nossas Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.) vêem o seu pai camponês,

- colhendo o caju para poderem comprar a agulha, o sal, a capulana, o petróleo, a pulseira, o fósforo, a esteira, o cobertor, o lenço, a sapatilha, o calção,
- apascentando a manada de gado para que possamos comer carne, para que possamos beber leite,
- apascentando com todo o cuidado a sua cabeça de gado para obter a enxada, a charrua, a cataná, a bicicleta, o açúcar para o chá, o rádio.

O soldado, o oficial das nossas Forças Armadas, cresceram,

- vendo a mãe contando metical por metical para que ao longo do mês, em cada dia haja alguma coisa para comer, para que ao fim do mês se possa pagar a conta da loja, da cantina,
- vendo a mãe descalça sob o sol, sob a chuva, sob o frio, corpo vergado semeando o amendoim, transplantando o arroz que o vai alimentar,
- vendo a mãe nas manhãs frias, descalça, com a lata à cabeça, ir buscar a água ao rio,
- vendo a mãe regressar da fábrica de des-

**casque de caju com os dedos queimados
pelo ácido da castanha que descascou.**

É este o nosso soldado, é este o nosso oficial

- nascidos do sacrifício,
- nascidos do trabalho árduo,
- nascidos do sofrimento.



O nosso soldado, o nosso oficial não podem esquecer este sacrifício, este sofrimento, este trabalho árduo.

Quando dizemos que o soldado, o oficial são filhos do Povo fardados é absolutamente necessário que o soldado, o oficial estejam conscientes do valor destas palavras.

Quando dizemos que a tarefa das nossas Forças Armadas de Moçambique (FPLM) é defender intransigentemente a nossa Pátria, significa:

- * não permitir que as nossas fronteiras sejam violadas pelo inimigo,
- * não permitir que grupos de bandidos raptem, mutilem e assassinem camponeses e operários, produtores das nossas riquezas,
- * não permitir que o inimigo destrua os nossos comboios, os nossos camiões, os nossos machimbombos, as nossas pontes e estradas,
- * não permitir que o trabalho e o sacrifício dos nossos pais sejam destruídos,
- * isto é, não permitir que o heroísmo e a dignidade do nosso Povo sejam ofendidos.

Quando dizemos que as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) defendem intransigentemente a nossa Pátria, significa:

- * o seu engajamento total na tarefa de liquidar
 - a fome,
 - a nudez,
 - a miséria,
 - o obscurantismo,
 - o analfabetismo,
 - isto é, o seu engajamento na liquidação do subdesenvolvimento no nosso País,
 - o seu engajamento total na defesa da nossa economia, participando activamente no seu desenvolvimento.

Para isso, as Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.) devem continuar a manter bem alto o

espírito que nos guiou durante a Luta de Libertação Nacional:

- * as nossas Forças Populares de Libertação de Moçambique estudavam,
- * as nossas Forças Populares de Libertação de Moçambique combatiam,
- * as nossas Forças Populares de Libertação de Moçambique produziam.

Hoje, quando edificamos o socialismo, quando a batalha económica é a tarefa principal,

- * as Forças Armadas continuam na vanguarda deste combate.

Não concebemos as nossas Forças Armadas sem o seu engajamento nas tarefas do desenvolvimento económico.

Engajadas nos sectores produtivos, as Forças Armadas

- * cumprem a sua missão de defender intransigentemente as nossas conquistas,
- * contribuem decisivamente para a eliminação da fome, da miséria, da nudez,
- * respeitam a dignidade, respeitam o heroísmo, respeitam a coragem, respeitam o trabalho dos nossos operários, dos nossos camponeses que são a razão de ser da nossa existência,
- * consolidam o poder popular,
- * garantem a vitória do socialismo.

O nosso Exército não é um Exército de caserna:

- * exército de caserna não é um exército popular,
- * exército de caserna é um exército de parasitas.

O nosso Exército é um Exército para produzir.

- produzir no selo do Povo,
- consolidar a Unidade Exército-Povo.

Os nossos soldados têm que assumir a batalha do Plano compreendendo o que significa:

- a madeira,
- o carvão,
- o caju,
- o cimento,
- o algodão,
- o chá,
- a copra,
- o camarão,
- os citrinos.

Os nossos soldados têm de assumir a batalha do Plano, compreendendo o que significa:

- a ponte,
- a barragem,
- os caminhos de ferro,
- as estradas,
- as linhas de electricidade,
- o camião,
- o tractor,
- a alfaia agrícola,
- o barco de pesca.

Os nossos soldados têm que assumir a batalha do Plano, compreendendo o que significa:

- o armazém,
- a loja,
- a escola,
- o hospital,
- o aeroporto,
- o porto.

Os nossos soldados têm que assumir a batalha do Plano, compreendendo o que significa:

- a Aldeia Comunal,
- a cooperativa de produção,
- a cooperativa de consumo,
- a machamba estatal,
- a floresta,
- a salina,
- a pedreira,
- a estação dos caminhos de ferro.

Os nossos soldados têm que assumir a batalha do Plano, compreendendo que tudo isto assume uma interdependência íntima; quer dizer

- que a barragem não funciona sem o camião, não funciona sem o tractor;
- que o porto não funciona sem o camião, sem o algodão, sem o caju, sem a madeira;
- que o aeroporto não funciona sem o machimbombo;
- que o armazém não funciona sem a ponte e sem a estrada.

Em particular, o nosso soldado, o nosso oficial, têm que assumir que a batalha económica se trava essencialmente no campo, porque

- é no campo onde produzimos a comida com que nos alimentamos;
- é no campo onde se encontram as nossas grandes riquezas minerais, agrícolas, florestais, pecuárias;
- é no campo onde ainda vive a maioria do nosso Povo;
- é do campo que nascem as cidades.

Por isso, o nosso Partido determinou a criação das Aldeias Comunais como espinha dorsal do nosso desenvolvimento, a estratégia principal da socialização do campo.

- * Aldeia Comunal onde liquidamos a fome, a miséria, a doença, o obscurantismo;
- * Aldeia Comunal onde liquidamos o tribalismo, o regionalismo, o racismo;
- * Aldeia Comunal onde liquidamos a superstição, o vício, o boato;
- * Aldeia Comunal onde vivemos organizados

- para que as nossas crianças tenham escola,
- para que possamos alfabetizar os analfabetos.

- * Aldeia Comunal onde vivemos organizados

- com a nossa cooperativa,
- o nosso hospital,
- o nosso armazém,
- o nosso moinho,
- o nosso poço.

- * Aldeia Comunal onde podem chegar

- a picada, a estrada,
- a luz eléctrica,
- o machimbombo,
- a ambulância,

- * onde podem chegar as notícias do País.

O soldado, o oficial devem assumir que só liquidaremos a fome, a miséria, a nudez, a ignorância, quando o nosso campo estiver organizado em Aldeias Comunais.

Por isso, o soldado, o oficial, em qualquer local onde se encontrem, devem participar na mobilização

política do nosso Povo para se organizar em Aldeias Comunais.

Por isso o soldado, o oficial, em qualquer local onde se encontrem, devem participar directamente

- * na destronca do terreno para a Aldeia Comunal,
- * na limpeza do campo onde vai nascer a cooperativa,
- * na construção das casas, do armazém, da escola, do hospital, da Aldeia Comunal,
- * na abertura da picada da Aldeia Comunal

— para se escoar o produto para a estrada principal,

— para se receber o transporte que nos vai trazer a agulha, o sal, a capulana, o fósforo, o petróleo, o óleo que o camponês precisa.

Porque é das Aldeias Comunais

- * que há-de vir mais algodão para as nossas fardas, para os nossos casquetes;
- * que há-de vir mais feijão, batata, arroz, açúcar, chá, carne, peixe, para os refeitórios dos nossos quartéis;
- * que há-de vir mais pele para fazer as nossas botas, os nossos cintos, as nossas polainas;
- * que há-de vir a madeira para fazermos mais camas, mais mesas, mais cadeiras, mais carteiras.

Em síntese, o soldado, o oficial, têm de assumir que as próprias Forças Armadas não podem exercer as suas tarefas

- * sem que participem directamente na batalha da economia,

- sem que contribuam activamente para que todos os sectores económicos e sociais produzam o que foi estabelecido pelo Plano,
- sem que todos estes sectores sintam no dia a dia, permanentemente, a presença física das Forças Armadas que asseguram a sua defesa, a sua segurança, a sua tranquilidade.

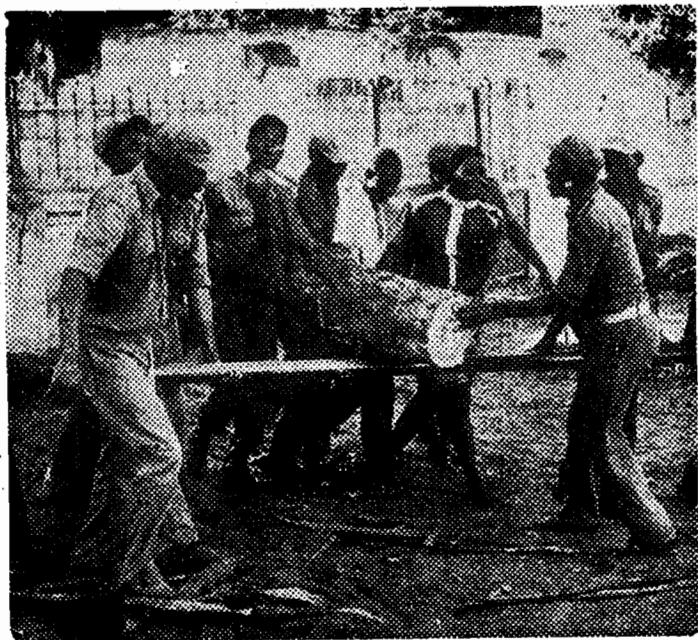
As Forças Armadas têm tarefas concretas na defesa:

- do escoamento dos produtos estratégicos para a exportação,
- do abastecimento de produtos estratégicos para o Povo.

Falámos da madeira, madeira com que fazemos o nosso mobiliário, madeira preciosa que exportamos para obter divisas:

- ela é cortada nas nossas florestas,
- ela passa pelas serrações onde o tronco da árvore se transforma em tábua, em travessa,
- ela é transportada em camiões para a estação mais próxima dos caminhos de ferro,
- ela é enviada em camião, em vagões para o porto, onde vai ser exportada,
- ela passa por estradas, por pontes, por linhas férreas.

A madeira exige o trabalho do madeireiro, do operário da serração, do condutor do camião, do construtor de estradas e dos caminhos de ferro, do maquinista da locomotiva, do estivador. Com a madeira, que exige tanto trabalho, fazemos



- * as mesas em que comemos nos nossos quartéis,
- * as coronhas das nossas armas,
- * os bancos dos camiões militares,
- * a guarita onde montamos sentinelas,
- * as carteiras onde aprendemos a ler e escrever.

Com a madeira, esta riqueza da nossa terra, que exportamos, obtemos os meios financeiros, o dinheiro em divisas, necessários para comprar:

- * a arma com que nos defendemos,
- * a bota que ainda não produzimos,
- * as munições com que aprendemos a manejar as armas para melhor nos defendermos e nos permitem desencadear o combate.

As Forças Armadas têm que assegurar que essas madeiras chegarão aos seus destinos nos prazos devidos;

- * nenhum obstáculo poderá justificar qualquer atraso, qualquer desvio.

O soldado deve assumir que a madeira é também sua, é parte integrante da sua vida.

Falamos do algodão que veste o nosso Povo, algodão que produz as nossas fardas, algodão que exportamos.

- * Ele é cultivado pelo camponês,
- * ele é carregado pelos trabalhadores nos caminhões para as fábricas de descaroçamento,
- * ele é descaroçado e do seu caroço o operário produz o óleo com que temperamos a nossa comida,
- * ele é transportado para as nossas fábricas têxteis e nelas transformado em tecido que necessitamos,
- * ele embarca nos nossos portos para que com as divisas obtidas com a sua exportação possamos comprar os caminhões, os tractores, o tanque, a escavadora.

As nossas Forças Armadas, os nossos soldados, devem assegurar que todo este processo que envolve o algodão decorra normalmente.

- * não podemos permitir que um grupo de bandidos ataque e queime esta nossa riqueza — o algodão.

O soldado, que vê a sua farda descosida, que vê a sua camisa desbotada e as suas meias rotas, a primeira coisa que deve pensar é que o algodão é parte da sua vida;

- * conseqüentemente, ele deve estar integrado na defesa do camponês que produz o algodão,
- * na defesa do caminhão que, pelas estradas, transporta o algodão para a fábrica de descaroçamento, para a fábrica têxtil e para a fábrica de óleos.

Quando falamos do açúcar, falamos de uma das nossas grandes riquezas nacionais:

- * milhares de hectares de terra no nosso País estão cultivados de cana-de-açúcar;
- * muitos milhares de trabalhadores dedicam as suas energias, o seu suor para que a cana cresça forte;
- * milhares de tractores, de camiões, de catanas, de enxadas têm que ser utilizadas para que os campos de cana-de-açúcar produzam;
- * milhares de litros de combustível são utilizados pelas máquinas que trabalham os campos de cana-de-açúcar;
- * outros milhares de trabalhadores nas fábricas fazem mover as máquinas que transformam a cana em açúcar;
- * são centenas de operários que nas fábricas, com o seu trabalho abnegado, transformam o melaço de cana em álcool.

O nosso soldado deve assumir a grandeza do açúcar:

- * açúcar que deita no chá quando logo pela manhã se prepara para iniciar os seus treinos;
- * açúcar que deita no seu chá para lhe dar vigor no intervalo de uma marcha;
- * açúcar para os bolos e rebuçados de que tanto gostam as nossas crianças;



- açúcar que exportamos para outros países para podermos comprar o arroz e o milho que o soldado come e que nós ainda não produzimos o suficiente para as nossas necessidades.

Quando falamos do açúcar, falamos do álcool que extraímos do seu melaço:

- o álcool que o socorrista leva na sua caixa de socorros para poder tratar o soldado que se feriu durante a marcha;
- o álcool que é imediatamente aplicado para desinfectar o bisturi na operação do soldado que dá entrada urgente na sala de operações;
- o álcool que não deixa que o micróbio se instale no nosso corpo.

Por tudo isto, o soldado tem o dever de saber acarinhar o açúcar, defendendo-o,

- nos campos onde é cultivado,
- nos armazéns onde é guardado,
- nos transportes onde ele é carregado,
- nas pontes e estradas por onde ele passa,
- nas fábricas onde ele é produzido,
- nos portos onde é exportado.

Falámos do carvão.

Carvão que milhares de operários mineiros arrancam das profundezas da terra, sacrificando a sua saúde, sacrificando até a sua própria vida:

- os nossos mineiros descem às minas e enfrentam os gases tóxicos;
- os nossos mineiros heroicamente trabalham nas minas sabendo do perigo de uma inundação, de um desabamento, de uma explosão.

Os nossos mineiros assumem conscientemente o valor desta riqueza nossa que é o carvão, tão importante para criar o progresso e o bem-estar de todo o nosso Povo:

- carvão que nos dá energia para alimentar as nossas centrais de energia;
- carvão que alimenta a máquina dos comboios para transportar os nossos produtos, os nossos passageiros;
- carvão que alimenta as caldeiras das nossas fábricas para produzir o vapor que vai fazer trabalhar a máquina transformadora;
- carvão que nos liga a muitos países para onde o exportamos aos milhares de toneladas;
- carvão que para chegar às nossas fábricas, aos nossos portos exige que nos

transportes sejam empregados milhares de trabalhadores;

- carvão que exige para o seu transporte centenas de vagões, dezenas de locomotivas, de maquinistas e fogueiros;
- carvão com que obtemos o dinheiro para comprar o combustível que faz andar os nossos caminhões, os nossos tanques, os nossos MIG's.



Por isso o nosso Soldado, o nosso Combatente, sem estarem ligados intimamente com a defesa das minas de carvão, com a segurança do transporte normal do carvão, não poderá ter as condições

materiais para cumprir a sua tarefa de defender a Revolução.

- * porque sem o carvão o soldado não tem
 - bota,
 - farda,
 - camião,
 - arma,
 - avião de transporte e de combate,
 - jeep,
 - escavadora,
 - tanque,
 - comida,
 - medicamento.

Falámos do caju, produto estratégico de exportação.

O nosso País é actualmente um dos maiores produtores do mundo de castanha de caju.

Muitos de nós habituámo-nos, ao longo dos anos, a ver o cajueiro crescendo e espalhando-se pelos nossos campos.

Vemos que eles são aos milhares, aos milhões, mas não nos apercebemos das suas riquezas que derivam do fruto que o cajueiro nos dá.

Muitos de nós não conhecem quantos produtos se podem tirar do caju e da sua castanha, não conhecem o trabalho imenso que é necessário ter para tratar o cajueiro:

- * do fruto do caju pode-se fazer fruta em calda, pode-se fazer o sumo que nos refresca e alimenta, pode-se fazer a bebida alcoólica com que podemos festejar o nosso aniversário, os dias feriados;
- * da castanha do caju podemos obter o óleo para a nossa máquina, o óleo que também serve de combustível para certo tipo de motores;
- * da castanha de caju tira-se a amêndoa que nós comemos e que exportamos.

Para obtermos tudo isto,

- **é o camponês que tem que limpar o cajueiro;**
- **é o camponês que tem que combater as queimadas para que o cajueiro não seja destruído;**
- **é o camponês que apanha o caju e a castanha e os transporta às costas até à loja onde os vai vender para poder comprar a agulha, o fósforo, o sal, a camisa, a sapatilha, a bicicleta, o rádio;**
- **é o camionista que fazendo centenas e centenas de quilómetros, dia e noite, transporta esta nossa riqueza, para a fábrica onde ela vai ser transformada, para o porto onde ela vai ser exportada;**
- **é o operário que na fábrica se engaja com todo o entusiasmo no processo de assar a castanha, descascar a castanha, despelicular a castanha, seleccionar a castanha, embalar a castanha;**
- **é o operário que queima as suas mãos laboriosas com o ácido que se desprende desta castanha.**

O nosso soldado não deve permanecer indiferente a todo este processo que envolve o cajueiro, a castanha de caju, o álcool extraído do fruto do caju, o sumo feito do fruto do caju.

O nosso soldado não pode permanecer indiferente perante a apanha do caju, o combate às queimadas.

O nosso soldado deve estar consciente de que a sua vida, as condições materiais que o tornam apto a defender a Pátria também dependem do caju.

- **O caju é parte integrante da vida do soldado.**

Por isso o soldado deve envolver-se directamente na protecção e defesa:

- da apanha do caju,
- do combate às queimadas,
- do transporte que escoo o caju
- da fábrica que transforma o caju.

Falámos do cimento:

- cimento que é necessário para melhorar as condições dos nossos quartéis;
- cimento com que construímos novos dormitórios, novos refeitórios, novos armazéns de armas nos nossos quartéis;
- cimento com que construímos os abrigos que nos protegem, os hangares e as pistas para os nossos aviões;
- cimento com que temos que construir
 - casas para o nosso povo,
 - novas escolas para as nossas crianças,
 - novos hospitais para tratar os nossos doentes,
 - novas pontes, novas estradas, novas barragens,
 - mais represas, mais obras de regadio para irrigar as nossas terras, para se tornarem mais ricas e produtivas,
 - mais fábricas para obtermos produtos de que temos necessidade para a nossa vida;
- cimento que temos que exportar para dele obtermos as divisas para comprar
 - o cantil que o soldado necessita,
 - as munições para as nossas armas,
 - a ambulância para transportarmos os nossos doentes,

- a aparelhagem médica para os nossos hospitais,
- as peças sobressalentes para os nossos camiões, tanques e aviões.

O nosso Soldado deve compreender o processo que leva à produção do cimento:

- * é na pedreira que o trabalhador coloca o explosivo para fazer saltar a pedra;
- * é na pedreira que o trabalhador caleja as suas mãos quando com a picareta e o maço parte as grandes pedras para que elas mais facilmente sejam transportadas;
- * é na pedreira que o trabalhador carrega a pedra para o camião ou vagão que a vai transportar;
- * é da pedreira que partem o camião ou o comboio para levar a pedra para a fábrica de cimento;
- * é na fábrica de cimento que o operário transforma a pedra em cimento, sujeito às poeiras nocivas ao seu organismo;
- * é da fábrica que sai o cimento nos camiões para os locais onde o operário da construção civil ergue novos quartéis, novas casas, novos hospitais, escolas, pontes, barragens.

Vemos assim que o cimento é precioso para a nossa vida,

- * vida do povo,
- * vida do soldado, povo armado.

Por isso, na pedreira, no transporte da pedra, na fábrica, na obra, os nossos soldados devem estar presentes

- * na defesa,
- * na protecção.



da pedreira, do transporte pelas estradas e linhas férreas, da fábrica, de todos os trabalhadores que dedicam as suas energias para obtermos este produto tão precioso.

Falámos da tantalite, falámos da sua protecção e exploração, assim como de outros minerais tão importantes para o nosso desenvolvimento, tais como o ferro, o ouro, os asbestos, o urânio, o cobre.

* É certo que ainda não estamos desenvolvidos nestes sectores de actividade.

- mas o seu desenvolvimento faz parte do nosso Plano.

Para podermos tirar proveito da exploração destes minerais, temos brigadas de investigação que andam por montes e montanhas, fazendo marchas de quilómetros por dia em regiões onde se prevê a existência desses minerais.

- É nessas regiões onde o inimigo também procura lançar acções contra essas brigadas para que elas não façam o trabalho,
 - que vai criar riqueza para todo o povo,
 - que vai dar condições ao nosso Estado para poder melhorar a vida dos próprios soldados.

Defender e proteger o trabalho e a vida de todos aqueles que debaixo do sol, e da chuva não poupam esforços para desenvolver a nossa economia, é tarefa das Forças Armadas, é tarefa dos nossos soldados.

- Defender e proteger estes trabalhadores e o seu trabalho é defender e proteger as próprias Forças Armadas.

Falámos da madeira, do algodão, do açúcar, do carvão, do caju, do cimento, da tantalite e de outros minerais:

- produtos para os quais foram estabelecidas metas a cumprir,
- produtos que constituem bases das nossas exportações para obtermos divisas de que temos necessidade.

Falamos agora dos produtos essenciais para o abastecimento do Povo.

Produzimos arroz, arroz que ainda não é suficiente para as nossas necessidades e que ainda temos que importar:

- o arroz que produzimos e importamos não pode ser desperdiçado,
- o arroz que produzimos e importamos não pode ser destruído.

Produzimos milho, produto básico da nossa alimentação:

- milho que abastece as nossas populações,
- milho que faz trabalhar as nossas fábricas de moagem para termos a farinha que comemos.

O milho que produzimos não é suficiente para o nosso consumo, ainda temos que importar milho em grandes quantidades.

Produzimos feijão, mapira, batata, girassol, gergelim

- produtos que não podemos dispensar na nossa alimentação.

Todos estes produtos, a sua produção, a sua transformação, o seu transporte,

- exigem o trabalho e o sacrifício
 - de milhares de camponeses,
 - de milhares de operários,
 - de centenas de camionistas,
 - de centenas de comerciantes,
 - dos trabalhadores da agricultura,
 - dos trabalhadores dos caminhos de ferro,
 - dos trabalhadores dos portos.

Dos locais de produção têm que ser transportados para poderem chegar com toda a segurança

- aos locais de distribuição,
- aos locais de venda,
- às lojas da capital provincial,

- das capitais distritais,
- das localidades,
- das aldeias comunais,
- às cantinas dispersas pelo campo.

Quando queremos ver no refeitório dos nossos quartéis, nas nossas marmitas, o arroz, o feijão, a batata, a farinha, temos desde logo que assumir conscientemente que eles só podem chegar a nós se nós próprios, soldados, os protegemos, defendendo:

- * a sua produção,
- * o seu transporte,
- * o seu escoamento,
- * a sua transformação.
- * a sua distribuição

Acabamos de anunciar algumas considerações que nos demonstram que nós, soldados e oficiais das Forças Armadas de Moçambique (F. P. L. M.), não existimos sem o nosso engajamento total na defesa da Economia.

- * A tarefa das Forças Armadas é essencialmente defender a nossa Pátria, a nossa soberania, a nossa independência.
- * Defender a nossa soberania significa essencialmente defender a nossa economia,
- * porque só com uma economia forte, próspera e desenvolvida podemos ter Forças Armadas fortes, poderosas e modernas.

Temos que ter consciência clara de que defesa e economia são duas peças da mesma arma,

- * arma que vai destruir o subdesenvolvimento,
- * arma que vai edificar a vitória do socialismo.

O nosso Soldado, o nosso Oficial, devem estar conscientes de que a arma que empunham

- * tem o mesmo valor que a enxada do camponês

- que a charrua do camponês,
- que o martelo do carpinteiro,
- que a pá do pedreiro,
- que a picareta do mineiro,
- que a rede do pescador,
- que a seringa do enfermeiro,
- que o livro do professor.

Todos estes instrumentos de combate, de produção e de estudo têm o mesmo objectivo:

- * vencer a fome, a miséria, a ignorância, a doença,
- * vencer o subdesenvolvimento,
- * tornar o nosso País forte, desenvolvido e poderoso.

O nosso soldado, o nosso oficial, porque têm arma, porque têm farda, não podem pensar que têm mais valor que o camponês, que o operário, somente porque têm arma, porque têm farda

- * primeiro, porque a arma, a farda do soldado, são fruto do trabalho árduo do camponês e do operário,
- * segundo, porque se a arma do nosso soldado, do nosso oficial, liquida a força viva de defesa do inimigo — o exército do capitalismo e do imperialismo — o instrumento de trabalho do camponês e do operário, do professor e do enfermeiro, é também arma para liquidar o inimigo do nosso Povo que é o subdesenvolvimento, criado e mantido pelo capitalismo e imperialismo,

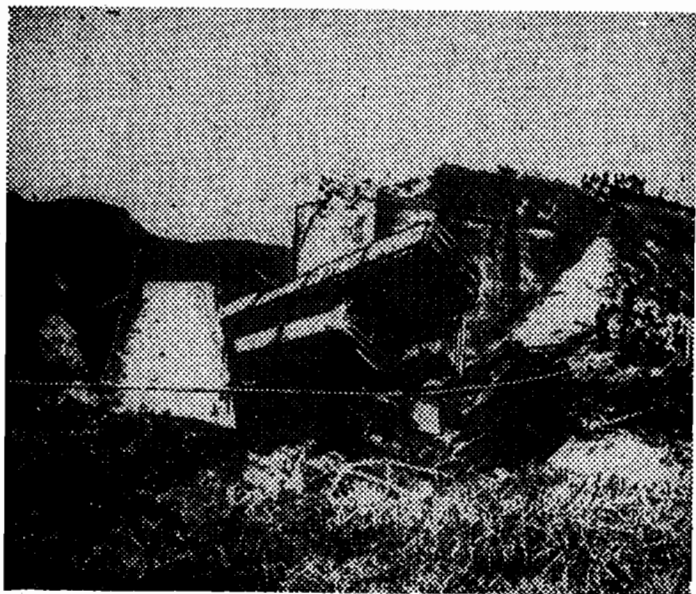
- finalmente, porque defender a nossa soberania, a nossa independência faz-se com a arma do soldado, com a enxada do camponês, com o martelo do operário, com o bisturi do médico, com o manual do professor.

O soldado, o camponês, o operário, o professor, o enfermeiro, são todos soldados do mesmo exército. Exército que vai esmagar a acção do inimigo que procura destruir-nos,

- inimigo que pretende que continuemos subdesenvolvidos,
- inimigo que pretende que sejamos dependentes,
- inimigo que pretende que a nossa soberania seja uma palavra oca, sem conteúdo.

Por isso a acção do inimigo concentra-se em atingir os alvos económicos, isto é:

- impedir que as nossas madeiras preciosas sejam cortadas, sejam transportadas, sejam embarcadas nos nossos portos, sejam transformadas nas nossas fábricas de mobílias, sejam utilizadas na construção das nossas casas;
- impedir que o nosso algodão seja cultivado, seja transportado para a fábrica que o vai descaroçar, seja transformado na farda que vestimos, na meia que calçamos, seja transformado no tecido que vai fazer as nossas calças, as nossas camisas, os nossos vestidos, seja exportado para podermos obter divisas;
- impedir que o carvão, o açúcar, o caju, o cimento, os minerais sejam produzidos, transportados, consumidos internamente e exportados;



- impedir que o arroz, o milho, o feijão, a batata, o girassol, o gergelim sejam produzidos, sejam transportados, sejam transformados, sejam distribuídos para que o nosso povo se alimente.

Quando permitimos que a acção do inimigo destrua e sabote os nossos produtos, os nossos equipamentos e infra-estruturas e assassine aqueles que os produzem devemos considerar isso uma ofensa às Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.). As Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.) não podem permitir que o inimigo:

- ataque, rapte, assassine o camponês da Aldeia Comunal, da Cooperativa,
- destrua o tractor que prepara a terra,
- destrua o camião que transporta o caju,
- destrua o vagão que carrega o carvão,

- * sabote a linha férrea que transporta os nossos produtos e os nossos trabalhadores,
- * sabote a ponte, a barragem, a represa, as estradas,
- * ataque e assassine os deputados das Assembleias do Povo, os membros do nosso Partido FRELIMO, Partido que dirige as nossas gloriosas Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.).

As Forças Armadas de Moçambique (F. P. L. M.), os soldados, os oficiais, devem assumir a batalha da Economia.

Em coordenação

- * com as células do Partido,
- * com os deputados das Assembleias do Povo,
- * com as Organizações Democráticas de Massas,
- * com as forças policiais, as forças de Segurança, as milícias populares,
- * com as estruturas do governo que dirigem os sectores económicos e sociais,
- * em síntese, em coordenação com todo o povo

devem engajar-se num combate sem tréguas contra o inimigo interno.

Combate de defesa da nossa economia, de defesa do socialismo.

Combate que exige que cada soldado, cada oficial, onde quer que se encontrem no seu dia-a-dia, tenham tarefas bem determinadas para o desenvolvimento da nossa economia.

Isto é:

- * que cada um participe na produção agrícola, na aldeia comunal, na cooperativa, na machamba estatal,

- * que cada um participe na protecção e defesa do camponês que semeia o milho, o feijão, a batata, que planta o arroz e a mandioca,
- * que cada um proteja o armazém, a escola, o hospital,
- * que cada um assegure que o camião, o comboio, o machimbombo que transportam passageiros e produtos, cheguem ao seu destino,
- * que cada um participe na produção da fábrica e defenda a sua produção,
- * que cada um defenda a ponte, a barragem, a estrada, as linhas de electricidade, as linhas férreas, o porto, o barco, o aeroporto.

Assumir estas tarefas implica necessariamente manter e consolidar a unidade Povo-Forças Armadas

- * Foi esta unidade a força principal que nos levou a esmagar o colonialismo.
- * O nosso Soldado nunca perdeu a sua identificação
 - com o camponês,
 - com o operário,
 - com o mineiro,
 - com o professor,
 - com o socorrista,
 - com todos aqueles que, com sacrifício, trabalho honesto e amor pela Pátria, lutavam pela liberdade.

Foi assim que o Povo passou a ver nas suas Forças Armadas o símbolo mais alto da Unidade Nacional, Unidade que o Soldado e Oficial devem exprimir de uma forma viva e dinâmica:

- * no respeito pelo Povo,
- * na sua disciplina,
- * no seu aprumo,

- * na sua delicadeza,
- * na sua cortesia,
- * na sua atenção em ouvir os problemas do Povo,
- * na sua preocupação de estar sempre na vanguarda na solução dos problemas do povo,
- * em síntese, no seu amor e carinho pelo povo — operários, camponeses e outros trabalhadores, aqueles que são os nossos pais, os nossos tios, os nossos irmãos, os nossos familiares.

O soldado, o oficial, identificam-se com o povo quando sabem

- * que devem respeitar o trabalho do camponês e do operário, não sujando nem rasgando a farda sentados numa escada, numa esquina da rua,
- * que devem ajudar o camponês a transportar o cesto em que leva os produtos do seu trabalho,
- * que devem ajudar o camionista a mudar a roda de um pneu furado do camião para que o produto não chegue atrasado,
- * que devem ajudar o operário dos caminhos de ferro a colocar a travessa de madeira onde vai passar a linha férrea.

O soldado, o oficial, identificam-se com o povo quando sabem

- * que devem ajudar o electricista que sobe a escada para ir reparar o fio eléctrico,
- * que devem ajudar a apanhar o caju, a colher o algodão na época da colheita,
- * que devem também cortar a cana-de-açúcar que vai para a fábrica,
- * que devem ajudar os cooperativistas a elevar o nível de produção da sua cooperativa.

O soldado, o oficial, Identificam-se com o povo quando sabem

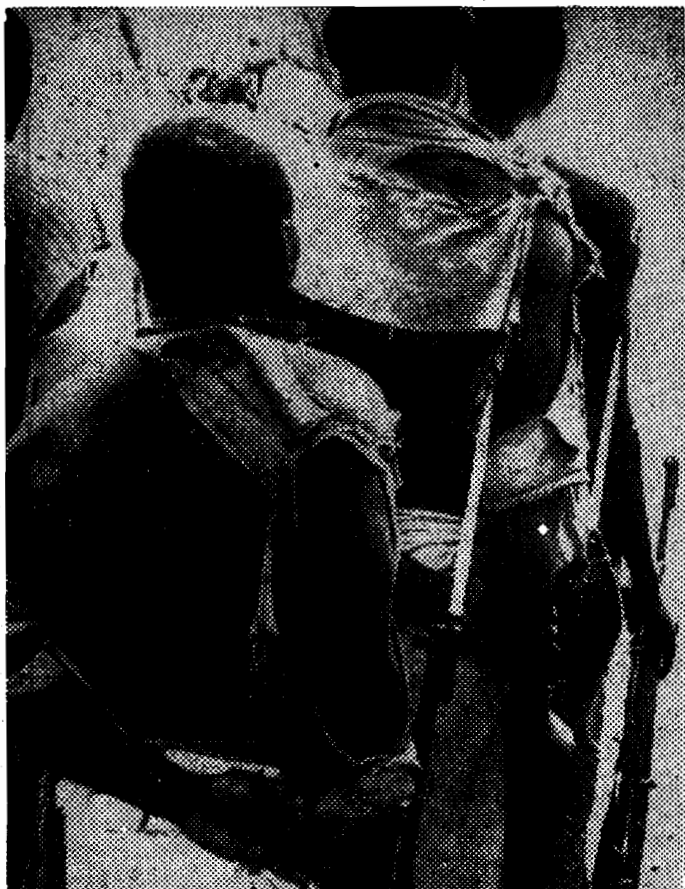
- ajudar as escolas a manter a sua limpeza,
- ajudar a transportar um ferido que necessita de pronto-socorro no hospital,
- respeitar a bicha nas lojas,
- ajudar os velhos, as crianças, os inválidos a atravessarem as ruas das cidades,
- respeitar os bens do povo não tocando em nada que pertence ao povo.

As Forças Armadas consolidam a sua Unidade com o povo, participando na batalha económica.

Batalha económica que significa defender:

- a nossa soberania,
- a nossa independência,
- a nossa liberdade,
- a nossa dignidade de povo livre, trabalhador e pacífico.





**Nós crescemos do nada.
Do pouco fizemos muito.
Tudo construímos**

- **com o nosso esforço,**
- **com o nosso sacrifício,**
- **com a nossa iniciativa criadora,**
- **com o nosso trabalho árduo.**

Esforço, sacrifício, iniciativa criadora, trabalho árduo que aprendemos dos nossos pais.

Foi assim:

- * que fizemos nascer a cisterna e o lago onde nos diziam que não havia água,
- * que abrimos grandes machambas, des-troncando com o esforço dos nossos braços,
- * que levantámos casernas com os tijolos que nós próprios fabricámos.

Tudo isto fizemos

- * porque estávamos unidos,
- * porque tínhamos o mesmo objectivo,
- * porque tínhamos consciência de que representávamos o povo no seu mais alto grau

- de organização,
- de disciplina,
- de unidade.

Foi na luta armada de libertação nacional que aprendemos estes valores.

É na guerra de libertação económica, é na batalha económica, é na batalha pelo triunfo do socialismo que as nossas Forças Armadas de Moçambique (F. P. L. M.) devem elevar a um nível mais alto as nossas gloriosas tradições de

**ESTUDAR,
COMBATER,
PRODUZIR.**

**A Luta Continual
O Socialismo Triunfará!**

Tiragem 30 000 exemplares
Registado no INLD sob o N.º 0238/INLD/81
Composto e Impresso na Tip. «Notícias»
MAPUTO
República Popular de Moçambique
Maio de 1981

1980/1990 – DÉCADA DA VITÓRIA SOBRE O SUBDESENVOLVIMENTO